

# BALANÇO 2019

dos jornalistas mortos, presos,  
reféns e desaparecidos  
no mundo

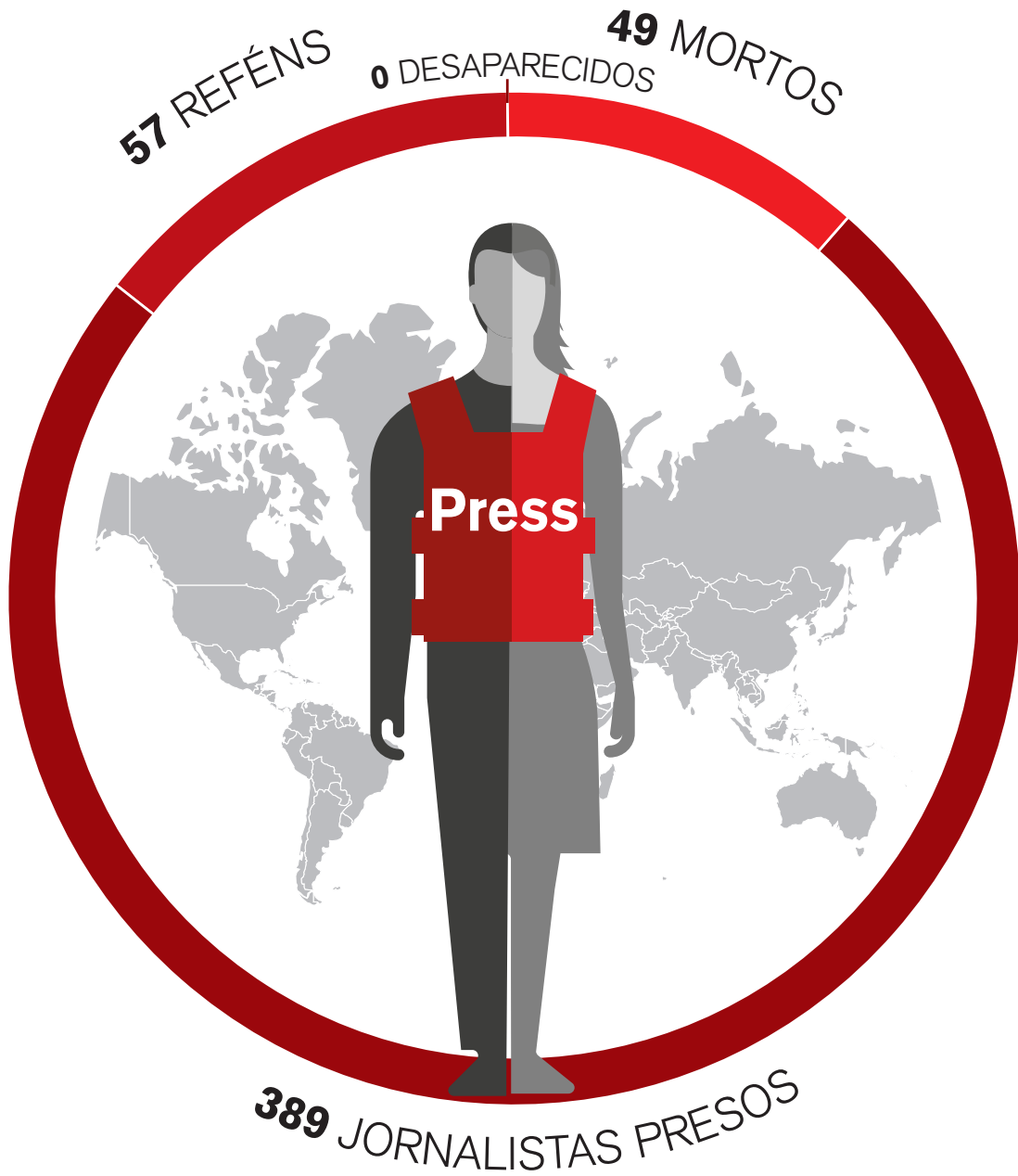
**REPORTERES  
SEM FRONTEIRAS**  
PELA LIBERDADE DA INFORMAÇÃO

|          |   |       |
|----------|---|-------|
| <b>1</b> | O BALANÇO EM UM OLHAR                                     | p. 3  |
| <b>2</b> | NOTA METODOLÓGICA   | p. 4  |
| <b>3</b> | <b>OS JORNALISTAS MORTOS</b>                              | p. 5  |
|          | 3.1 Em números  | p. 5  |
|          | 3.2 Linhas de frente menos mortais                        | p. 8  |
|          | 3.3 América Latina, região que coleciona tristes recordes | p. 10 |
|          | 3.4 Manifestações e investigação: os perigos de hoje      | p. 11 |
| <b>4</b> | <b>OS JORNALISTAS PRESOS</b>                              | p. 12 |
|          | 4.1 Em números  | p. 12 |
|          | 4.2 Quando a China aprisiona massivamente                 | p. 13 |
|          | 4.3 A arbitrariedade das prisões do Oriente Médio         | p. 15 |
|          | 4.4 Prisioneiros em grande risco por falta de cuidados    | p. 17 |
| <b>5</b> | <b>OS JORNALISTAS REFÉNS</b>                              | p.19  |
|          | 5.1 Em números  | p. 19 |
|          | 5.2 Reféns fortemente condenados                          | p. 21 |
|          | 5.3 O calvário sem fim dos reféns na Síria                | p. 22 |
| <b>6</b> | <b>OS JORNALISTAS LES DESAPARECIDOS</b>                   | p. 23 |
| <b>7</b> | AS AÇÕES DA RSF   | p. 24 |

### Sobre a RSF

Fundada em 1985, a **Repórteres sem Fronteiras** atua internacionalmente em defesa da liberdade, da independência e do pluralismo do jornalismo. Dotada de um status consultivo junto à ONU e à UNESCO, a organização sediada em Paris conta com 14 escritórios no mundo e uma rede de correspondentes em 130 países. A RSF apoia os jornalistas com campanhas de mobilização, assistência jurídica e material, dispositivos e ferramentas de segurança física (como coletes à prova de balas, capacetes, guias práticos e seguros) e proteção digital (oficinas de formação em segurança digital). A organização é atualmente uma interlocutora incontornável para governos e instituições internacionais e publica anualmente o Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa, uma ferramenta de referência.

# O BALANÇO EM UM OLHAR

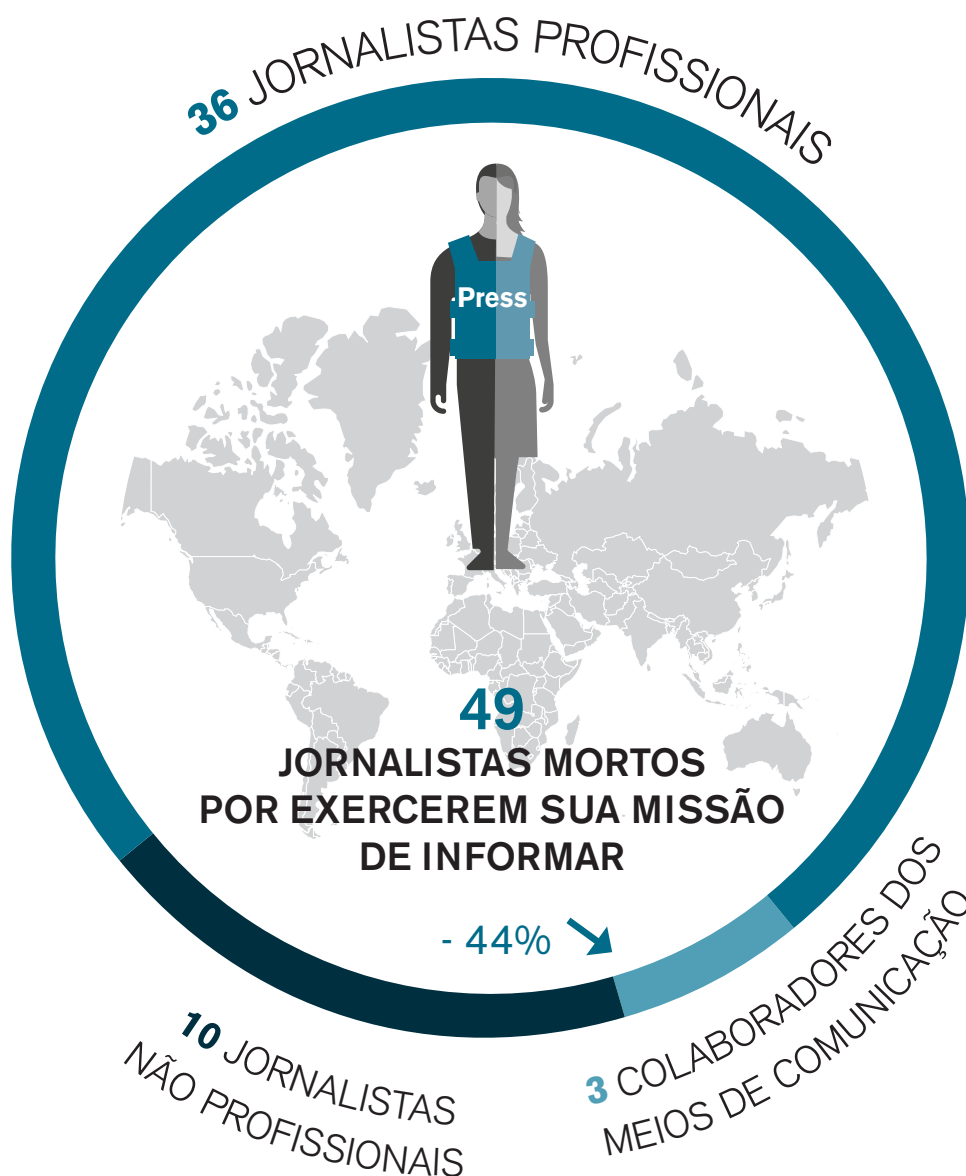


O registro de casos do Balanço 2019 estabelecido pela Repórteres Sem Fronteiras (RSF) inclui jornalistas profissionais e não profissionais, bem como os colaboradores de meios de comunicação. No detalhamento, o relatório distingue tanto quanto possível essas diferentes categorias para permitir comparações de um ano para o outro.

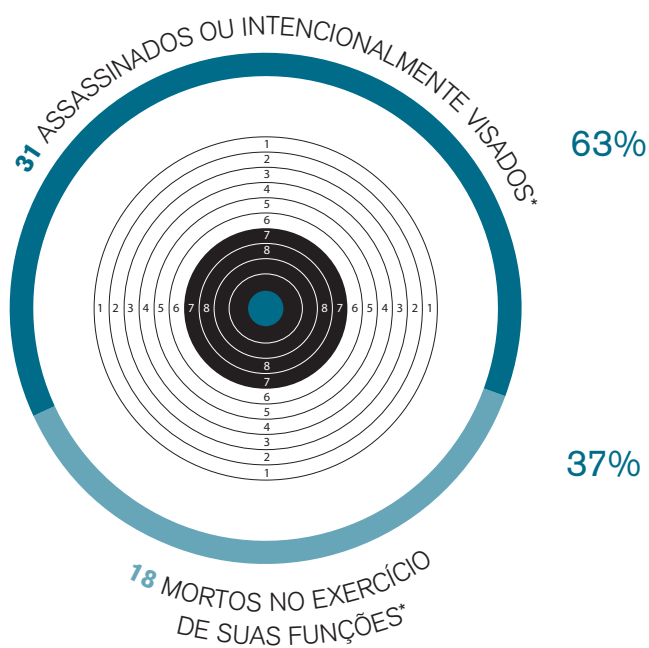
Produzido anualmente desde 1995 pela RSF, o balanço anual de violações graves contra jornalistas baseia-se em dados coletados ao longo do ano. A RSF realiza um registro minucioso de informações que permitem afirmar com certeza, ou ao menos com uma presunção muito forte, que a detenção, o sequestro, o desaparecimento ou a morte de um jornalista é uma consequência direta do exercício de sua profissão.

A RSF distingue entre os casos de jornalistas mortos deliberadamente por causa de sua profissão e aqueles que morreram no local durante uma reportagem, ainda que não fossem alvos específicos. Os casos em que a organização ainda não conseguiu reunir os elementos necessários para estabelecer o vínculo entre a atividade jornalística e a violência cometida permanecem em investigação e, portanto, não são contabilizados neste relatório.

## 3.1 Em números

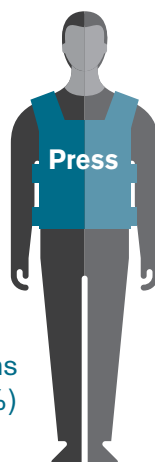


## OS JORNALISTAS MORTOS



**\* ASSASSINADOS OU INTENCIONALMENTE VISADOS:**  
Jornalistas mortos deliberadamente por causa de sua profissão

**\*MORTOS NO CUMPRIMENTO DE SUAS FUNÇÕES:**  
Jornalistas mortos em campo sem terem sido visados como tal



**46 homens**  
(94%)



**3 mulheres**  
(6%)

**49**  
jornalistas  
locais  
(100%)



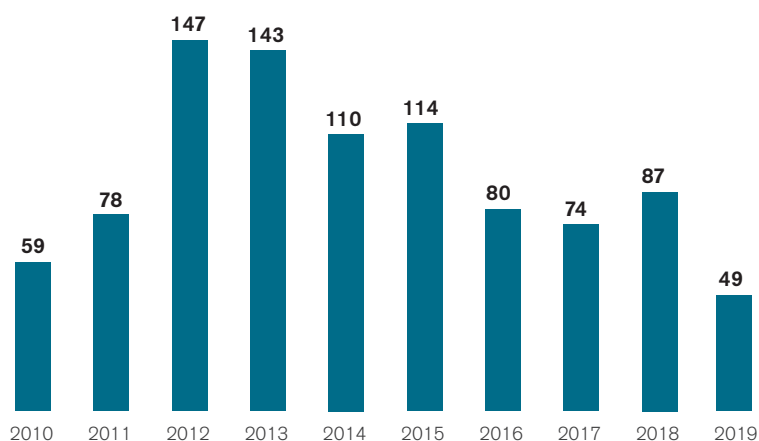
**0**  
jornalistas  
estrangeiros  
(0%)

**20**  
em zona  
de conflito  
(41%)



**29**  
em zona  
de paz  
(59%)

941 jornalistas mortos em 10 anos



O ano menos letal dos últimos 16 anos

Em 2019 (entre 1 de janeiro e 1 de dezembro), a Repórteres sem Fronteiras (RSF) registrou 49 jornalistas mortos no exercício de suas funções. **Esse número representa uma “baixa histórica”, quando comparado à média das últimas décadas, reflete essencialmente o declínio no número de jornalistas mortos em conflitos armados.**

No geral, o número de mortos nos chamados países em situação de paz permanece igualmente elevado de um ano para o outro: o México apresenta o mesmo número de mortos que no ano anterior, dez. Por outro lado, os conflitos na Síria, no Iraque, no Iêmen e no Afeganistão foram menos fatais para os jornalistas em relação aos anos anteriores.

É preciso voltar ao ano de 2003 para encontrar um número tão baixo de jornalistas mortos. Essa queda dramática de 44% no número de jornalistas mortos em comparação com o ano passado tem um impacto em todas as categorias: jornalistas profissionais (36 mortos contra 66 em 2018); não profissionais (10 mortos contra 13 em 2018) e os colaboradores dos meios de comunicação (3 mortos contra 5 em 2018). Fato novo este ano: nenhum jornalista foi morto em uma reportagem no exterior, todas as mortes foram registradas quando estes estavam em seus próprios países.

Este ano também é caracterizado por uma inversão de tendência: **agora há mais mortes em países em paz** (59 %) do que em zonas de conflito, enquanto, no ano anterior, a maioria dos jornalistas (55%) havia sido vítima de uma guerra ou de um conflito de baixa intensidade. Estes números explicam outro: 63% dos jornalistas mortos foram assassinados ou intencionalmente alvejados, 2% mais do que em 2018.

### Os países mais letais

---



---

## 3.2 Linhas de frente menos mortais

### Oriente Médio

---

**A evolução dos conflitos que continuam a assolar o Oriente Médio** explica em grande parte as estatísticas em declínio. Desde que a Síria entrou em guerra civil há mais de oito anos, este ano foi o menos letal para os jornalistas: **10 mortos foram registrados em 2019**, dois dos quais recentemente durante a [ofensiva de Ancara](#) na fronteira turco-síria contra os curdos das Unidades de Proteção do Povo (YPG), e outro durante um bombardeio da aviação russa na região de Idlib. Embora a Síria continue sendo o país com o maior número de mortes, juntamente com o México, está longe dos anos sombrios de 2012 e 2013, com 64 e 69 mortos, respectivamente.

À medida que o grupo do Estado Islâmico (EI) foi ficando encurralado no leste da Síria, em áreas agora sob o controle das forças árabe-curdas apoiadas por uma coalizão internacional, jornalistas e fotógrafos estrangeiros puderam relatar o fim do califado autoproclamado do EI sem sofrer baixas em suas fileiras.



## lêmen

---

**No Iêmen, o balanço menos mortal deste ano** (2 mortos contra 8 em 2018) indica por sua vez mais uma redução na atividade dos jornalistas locais do que uma atenuação dos combates. **Cada vez menos jornalistas iemenitas são capazes de exercer sua profissão em condições aceitáveis de segurança.** Além dos riscos de confrontos, um jornalista local pode ser agredido, sequestrado, [preso arbitrariamente pelos diferentes atores do conflito](#) e sofrer maus tratos e torturas antes de ser condenado à morte (ver capítulo 5 - Os jornalistas reféns).

Informações coletadas no local pela RSF confirmam que o nível de periculosidade chegou a tal ponto que muitos jornalistas iemenitas preferem interromper suas atividades. Foi assim que um redator chefe do jornal *Al Tafaseel* tornou-se agora vendedor de objetos usados, que um jornalista do diário *Al-Thawra* agora atua como garçom em um restaurante da capital, Sanaa, ou que outro, que trabalhava no jornal *Akhbar al-Youm*, agora vende blocos de gelo.

## Afeganistão

---

Em outra parte do mundo, no Afeganistão, **a cobertura da mídia também diminuiu.** O número de correspondentes estrangeiros sediados em Cabul caiu pela metade desde 2014. As condições de segurança deterioradas, com a intensificação de ataques contra civis e um menor interesse da mídia, ligado em particular à retirada gradual das tropas estrangeiras, explicam uma presença e exposição menos intensas de correspondentes estrangeiros. Outros fatores também contribuíram para reduzir o número de mortes em 2019 (5 contra 16 em 2018, 15 em 2017 e 10 em 2016). Ao contrário dos anos anteriores, [os atentados ou ataques direcionados diretamente a jornalistas ou a meios de comunicação foram menos mortais](#). Os jornalistas afegãos também aprenderam a minimizar a exposição em grupo e a reduzir seus deslocamentos em campo para limitar o risco de se tornarem alvos.

**Além do Afeganistão, os repórteres estão cada vez mais preparados e treinados para atuar em zonas de conflito, e muitas vezes melhor equipados com material de proteção - condições que ajudam a reduzir os riscos em zonas hostis.**

### 3.3 América Latina, região que coleciona tristes recordes

O declínio no número de jornalistas mortos em países devastados pela guerra destaca uma realidade muitas vezes esquecida: **a América Latina continua sendo uma região particularmente instável e perigosa para os profissionais da informação.** Com um total de **14 mortos** (10 mortos no México, 2 em Honduras, 1 na Colômbia e 1 no Haiti), a América Latina se tornou uma zona tão letal para os jornalistas quanto o Oriente Médio. A gravidade da situação é talvez pior do que as estatísticas revelam: no total, 10 outros jornalistas foram assassinados no Brasil, no México, em Honduras, na Colômbia e no Haiti em 2019, mas seus casos ainda não foram incluídos no [barômetro da RSF](#), pois ainda passam por verificações. A morosidade, ou mesmo a ausência de investigações nos vários países envolvidos criam sérios entraves para que se tenha mais elementos sobre as circunstâncias que motivaram os assassinatos desses jornalistas.



Norma Garabia Sarduza  
© Excelsior Televisión (Youtube)

**Na região**, que registrou no último [Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa a maior degradação do seu indicador regional](#), o **México** é um destaque à parte. Primeiro, o do maior número de mortos em 2019 em **um país em situação de paz: 10 no total**, tanto quanto na Síria em guerra. Em seguida, a probabilidade de que os mandantes desses assassinatos sejam julgados um dia é quase nula, pois o país também se distingue por sua taxa de impunidade por crimes cometidos contra jornalistas, que ultrapassa os 90%.



Francisco Romero Diaz  
© Source : Facebook

O assassinato da jornalista [Norma Garabia Sarduza](#) no Estado de Tabasco (sudoeste do México), que havia pedido, sem sucesso, proteção após receber ameaças por uma série de artigos sobre a corrupção da polícia local, e o de seu colega [Francisco Romero Diaz](#), que dispunha das medidas de segurança do Mecanismo Federal de Proteção, incluindo uma escolta e um “botão de pânico”, são particularmente sintomáticos da [ineficácia das autoridades mexicanas](#) para conter essa espiral de violência contra a imprensa.



Mauricio Lezama  
© Source : Facebook

**Honduras**, onde [2 jornalistas foram baleados friamente](#) em plena luz do dia, também é vítima da corrupção e do crime organizado. A Colômbia é novamente confrontada com seus velhos demônios. Após uma pausa relativa relacionada à assinatura dos acordos de paz em 2016, o retorno de grupos armados e a retomada de confrontos com paramilitares e o exército em muitas áreas rurais do país contribuem para gerar *zonas silenciadas*, verdadeiros desertos de notícias. O diretor e documentarista [Mauricio Lezama](#) foi assassinado enquanto produzia um documentário sobre as vítimas do conflito armado.



Néhémie Joseph  
© DR

O **Haiti**, que passou por uma calmaria ainda mais longa, também voltou a se agitar desde o verão de 2018. O assassinato de [Néhémie Joseph](#), repórter na *Panic FM* e abertamente crítico ao governo e às autoridades locais, ocorreu em um contexto de tensões acirradas, quando protestos violentos se multiplicavam em todo o país contra o presidente Jovenel Moïse, acusado de estar envolvido em casos de corrupção.

### 3.4 Manifestações e investigação: os perigos de hoje

O Haiti não é o único país em que os jornalistas se veem alvo durante protestos, a tal ponto que 3 deles foram feridos, um gravemente, nos últimos meses. **Em todo o mundo, a explosão de movimentos sociais ou de contestação é um verdadeiro desafio de segurança para os jornalistas.**



Lyra McKee  
© Brendan Gallagher,  
themarketingphotographer.co.uk

A morte em abril de 2019 da jornalista da Irlanda do Norte [Lyra McKee](#), abatida quando cobria uma revolta em Derry, lembrou a vulnerabilidade dos profissionais da informação e a dificuldade de cobrir esses episódios de cólera cidadã e de grande confusão. O perigo é multiforme. Lyra McKee sucumbiu a um tiro disparado por um membro da organização republicana dissidente Novo IRA. Na Nigéria, o jovem jornalista [Precious Owolabi](#), que trabalhava para um dos canais mais populares do país, *Channels TV*, por sua vez, foi baleado fatalmente durante a dispersão de uma manifestação em Abuja. A polícia abriu fogo com munição letal após confrontos com os manifestantes.



Ahmed Hussein-Suale  
© Reuters

Fora da zona de conflito, o outro grande perigo que os jornalistas enfrentam é igualmente impalpável, embora mais previsível: o crime organizado. Conforme revelado pelo relatório da RSF [“Jornalistas, pesadelo da máfia”](#), estes grupos criminosos não hesitam em retaliar quando seus negócios passam a ser alvos de investigações de jornalistas. Foi assim que no Gana, **Ahmed Hussein-Suale** foi alvejado com três balas em janeiro passado, quando voltava para casa. Esse jornalista havia participado da grande investigação sobre corrupção no futebol ganês, em relação à qual vários jornalistas do *Tiger Eye* foram [ameaçados, em meio à indiferença geral](#).



Vadym Komarov  
© Facebook

No Paquistão, dois Jornalistas investigativos também foram baleados a sangue frio este ano. O primeiro, **Ali Sher Rajpar**, estava investigando um funcionário municipal suspeito de corrupção. O segundo, **Mirza Waseem Baig**, assinou várias reportagens sobre um grupo mafioso especializado na extorsão de fundos junto a políticos locais. Crivados de balas à queima-roupa, os dois jornalistas morreram quase imediatamente. Conhecido por suas investigações sobre corrupção local, o jornalista ucraniano [Vadym Komarov](#), que já havia sido alvo de várias tentativas de assassinato, foi vítima de um espancamento violento no início de maio de 2019, sucumbiu aos ferimentos cerca de dois meses depois. Apesar da abertura de um inquérito, sua morte permanece impune até o momento.

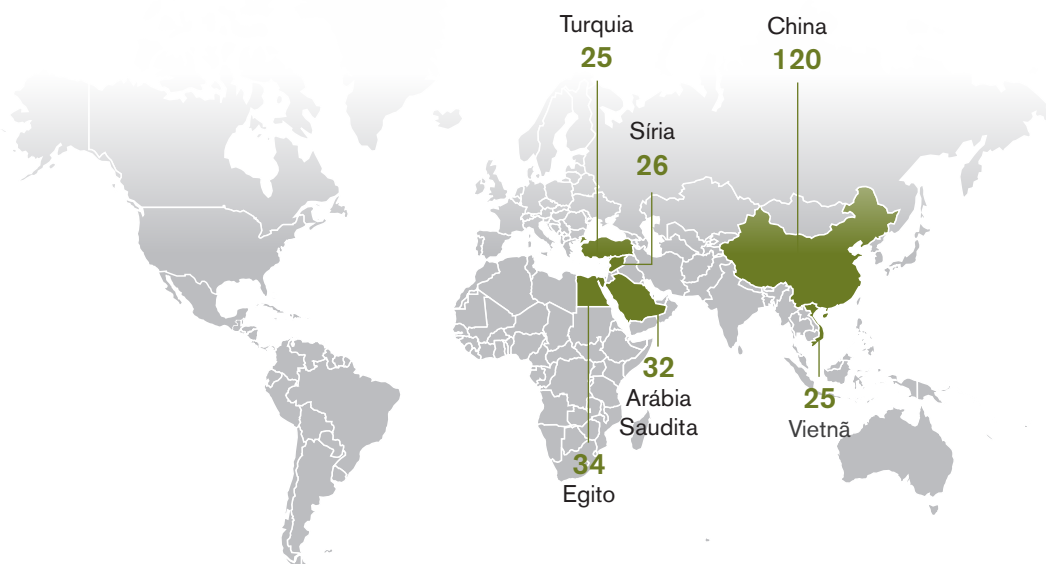
## 4.1 Em números



O número de jornalistas presos ao redor do mundo não pára de aumentar. **No final de 2019, 389 jornalistas estão presos por terem exercido seu trabalho de informar, ou seja, 12% mais** do que no ano passado, que já apresentou um aumento de 7% em relação a 2017. Apenas o número de jornalistas não profissionais presos está em declínio. A proporção de mulheres jornalistas no total de detidos permanece a mesma de 2018, ou seja, 8%.

Esse número crescente é ainda mais preocupante, pois não inclui jornalistas detidos arbitrariamente por algumas horas, dias ou até semanas. As equipes da RSF registraram uma proliferação desse tipo de detenção no ano passado, devido a manifestações e protestos que estão ocorrendo em todo o mundo, como na Argélia, em Hong Kong, onde [ataques a jornalistas estão se multiplicando](#), assim como [Chile](#) e na [Bolívia](#).

## As maiores prisões do mundo



Quase metade dos jornalistas presos (186 de 389) estão detidos em apenas três países: China, Egito e Arábia Saudita. Somente a China mantém um terço dos prisioneiros do mundo.

## 4.2 Quando a China aprisiona massivamente

Setenta anos depois de assumir o poder, **o Partido Comunista Chinês continua a fazer da China a maior prisão do mundo para jornalistas**. Em 2019, o regime de Pequim vai um passo além no cinismo publicando um livro branco que retrata a China como uma verdadeira democracia, ao mesmo tempo em que dobrava, no espaço de um ano, o número de jornalistas presos, que chega agora a 120.

**Mais de 40% dos jornalistas presos são não profissionais** que tentam, apesar do aumento da censura nas redes sociais, compensar uma imprensa tradicional cada vez mais vigiada e bloqueada. A maioria das novas detenções também teve como alvo jornalistas uigures, a minoria étnica muçulmana de língua turca que ocupa principalmente a região de Xinjiang, no noroeste da China.





Lu Guang  
© Fundang Sheng,  
Contact Press Images

A repressão contra os uigures continua a se intensificar. O simples fato de ter viajado a Xinjiang para conhecer e treinar fotógrafos locais fez com que o famoso fotojornalista **Lu Guang** fosse [preso](#) no final do ano passado. Após vários meses de detenção, o triplo vencedor do World Press Photo acabou saindo da prisão, mas vive agora em liberdade condicional em sua cidade natal e parou de fotografar.

Mesmo antes de se multiplicarem os campos de internamento na província de Xinjiang, dois jornalistas uigures famosos já estavam definindo nas masmorras chinesas. Condenada à prisão perpétua por “*separatismo*” e “*divulgação de segredos de estado*”, a antiga administradora do site de notícias *Salkin*, **Gulmira Imin**, está presa há dez anos. O jornalista cidadão **Ilham Tohti**, fundador do *Uyghurbiz*, que recentemente recebeu o prêmio Václav Havel do Conselho da Europa e o prêmio Sakharov do Parlamento Europeu, também cumpre uma pena de prisão perpétua por ter comentado livremente as notícias econômicas, políticas e sociais da província.



Gulmira Imin  
© DR

A arbitrariedade não é reservada somente à província de Xinjiang. Uma simples postagem irônica sobre a corrupção dos membros do partido ou um desenho satírico sobre a situação dos direitos humanos na China fez com que o blogueiro **Wu Gan** e o caricaturista **Jiang Yefei** fossem presos e torturados por “*incitamento a subverter o poder do estado*”. As autoridades chinesas não se preocupam com os detalhes. Um motivo vago é suficiente para lançar um jornalista na prisão. **Zhang Jialong**, um ex-jornalista conhecido por seu [engajamento contra a censura](#), está preso desde agosto na província de Guizhou, pelo simples pretexto de ter “*alimentado discussões e causado problemas*”.



Gui Minhai  
© DR

Ter uma nacionalidade estrangeira não protege contra detenções arbitrárias. Foi assim que o escritor político e comentarista de origem chinesa **Yang Hengjun**, [acusado de espionagem](#), foi preso no início do ano no sul da China, e que o editor sueco **Gui Minhai**, sequestrado na Tailândia em 2015 e que acaba de receber o Prêmio PEN Writers Defense Association para desgosto de Pequim, permanece detido sem julgamento por ter “*divulgado ilegalmente segredos de estado e informações no exterior*”, e isso apesar dos sintomas de uma doença neurológica grave.



### 4.3 A arbitrariedade das prisões do Oriente Médio

**Ao longo de 2019, a Arábia Saudita e o Egito disputaram o primeiro lugar de algoz no Oriente Médio, seguidos de perto pela Síria.** Os dois primeiros países têm em comum deter mais de 30 jornalistas cada um e deixá-los na prisão depois de jogá-los lá arbitrariamente. Em Riad, como no Cairo, a maioria é mantida sem julgamento ou acusação contra eles. Dos 32 [jornalistas sauditas presos registrados pela RSF](#), 22 estão privados de liberdade sem qualquer acusação oficial. No Egito, dos 34 jornalistas mantidos atrás das grades, 30 estão lá sem nunca terem sido condenados.



Raif Badawi  
© DR

Quando ocorrem julgamentos, eles são geralmente iníquos, e os jornalistas são injustamente condenados a penas muito pesadas. O blogueiro saudita [Raif Badawi](#) foi condenado em 2014 a dez anos de prisão e mil chibatadas por “insulto ao Islã”. No Egito, o jornalista **Abdel Rahman Shaheen** paga caro por sua colaboração com o canal do Catar *Al Jazeera*, odiado pelo regime. Condenado primeiramente a seis anos de prisão por pertencer a um grupo terrorista e divulgar notícias falsas, ele foi, três anos depois, condenado à prisão perpétua “*por assassinato*”, alegações que sempre negou.



Esraa Abdel Fattah  
© Reuters

A tortura é outro ponto comum aos dois regimes. Nas prisões sauditas, é considerada quase sistemática. No Egito, a blogueira [Esraa Abdel Fattah](#) entrou recentemente em greve de fome para protestar contra tortura e maus-tratos durante seu interrogatório, depois de se recusar a dar a senha de seu celular para a polícia.



Eman al Nafjan  
© Twitter

Além de ocupar as piores posições no Ranking Mundial de Liberdade de Imprensa, a 161a para o Egito e a 172a para a Arábia Saudita em 180, esses dois países também são caracterizados pela pressão constante que exercem sobre os jornalistas, mesmo após a sua libertação. Em Riad, a fundadora do site *SaudiWoman.me*, **Eman al Nafjan**, foi colocada em liberdade condicional em 28 de março. Desde então, ela ainda não voltou mais a escrever, nem retomou nenhuma de suas atividades públicas. Vencedora do [prêmio RSF 2019](#) na categoria Coragem, ela não esteve presente na cerimônia de premiação. Eman al Nafjan ainda pode pegar vinte anos de prisão.

Ter sido oficialmente libertado, mas permanecer meio livre, é o destino de muitos jornalistas no Egito. Sujeito a um rigoroso controle judicial, o fotógrafo [Shawkan](#) deve passar todas as noites em uma cela da delegacia. Por cinco anos, sua liberdade deve ser suspensa todos os dias, das seis da tarde às seis da manhã. Esse sistema de liberdade vigiada é uma verdadeira espada de Dâmocles. O blogueiro **Mohamed Oxygen** foi preso novamente dois meses depois de ser colocado em liberdade condicional. Seis meses após sua saída da prisão, o blogueiro e o defensor dos direitos humanos [Alaa Abdel Fattah](#), também forçado a ir à delegacia todos os dias para passar a noite, não saiu mais da delegacia desde 29 de setembro. Ambos os blogueiros fazem parte da onda de prisões que se seguiu, no início do outono, à eclosão de um protesto contra o governo.

Na Síria, a RSF conseguiu identificar 26 jornalistas detidos. Um número provavelmente aquém da realidade. Centenas de jornalistas profissionais e jornalistas cidadãos foram presos pelo regime, mas seus rastros foram perdidos na prisão. No ano passado, o governo de Bashar al-Assad, atualizando o status civil, reconheceu a morte em detenção de centenas de desaparecidos, incluindo o jornalista [Niraz Saied](#).

## Turquia ou o reino da injustiça

**Ainda que o número de jornalistas presos na Turquia tenha caído pelo segundo ano consecutivo, o país continua sendo uma das maiores prisões do mundo para jornalistas, sistematicamente expostos a todo tipo de arbitrariedades.**

Nenhuma decisão judicial parece se sustentar. Mal saído da prisão após ser colocado em [liberdade condicional](#), o famoso jornalista **Ahmet Altan** foi enviado de volta depois que o Ministério Público de Istambul recorreu da decisão. Em meados de setembro, seis jornalistas do diário *Cumhuriyet*, **Musa Kart, Güray Öz, Hakan Kara, Önder Çelik, Ahmet Şık** e **Mustafa Kemal Güngör**, foram colocados em liberdade condicional e, finalmente, libertados, antes de saber, dois meses depois, que foram novamente sentenciados em segunda instância pelo Tribunal de Justiça de Istambul. Dos seis outros jornalistas do *Cumhuriyet* processados, apenas um foi absolvido, **Kadri Gürsel**. Os outros ainda correm o risco de voltar à prisão se suas condenações forem confirmadas em apelação.

Da mesma forma, depois de ter sido inicialmente [absolvido](#), o representante da RSF na Turquia, **Erol Önderoğlu**, bem como a defensora dos direitos humanos **Şebnem Korur Fincancı** e o editor e jornalista **Ahmet Nesin**, acabaram sabendo que a promotora, que também apelou, retomou os processos contra eles por participarem de uma

campanha de solidariedade com o jornal curdo *Özgür Gündem*.

Dezenas de jornalistas e representantes da mídia foram libertados durante o ano, após cumprirem sua sentença ou se beneficiarem de uma nova decisão judicial. Mas uma dúzia de outros foi forçada ao exílio para escapar dos processos abusivos.

Além das acusações recorrentes de “*propaganda terrorista, colaboração ou pertencimento a uma organização ilegal*”, agora jornalistas também podem ser processados por “*ofensa ao presidente*”. Foi o caso de um jornalista da cidade de Bursa, representante local da Associação dos Jornalistas Progressistas (CGD), **Ozan Kaplanoğlu**.

Note-se que, além dos casos listados pela RSF, dezenas de outros representantes da profissão estão atualmente presos e estão sendo processados por “*afiliação a estruturas políticas ilegais ou terroristas*”.



#### 4.4 Prisioneiros em grande risco por falta de cuidados

Em muitas partes do mundo, a saúde de jornalistas encarcerados é particularmente preocupante. Muitas vezes, condenados a penas muito pesadas, incluindo a prisão perpétua, vítimas de maus tratos, doentes e privados de assistência, alguns estão morrendo lentamente atrás das grades.



Huang Qi  
© Fred Dufour / AFP

De acordo com as informações obtidas pela RSF, pelo menos 10 jornalistas chineses correm o risco de sofrer o mesmo destino que o Prêmio Nobel da Paz [Liu Xiaobo](#) e o blogueiro **Yang Tongyan**, mortos em 2017 na prisão em decorrência de cânceres não tratados. Entre eles, o jornalista **Huang Qi**, duplo vencedor do prêmio RSF, [condenado](#) em julho passado a 12 anos de prisão, apesar de problemas de saúde muito graves. O fundador do site de notícias sobre direitos humanos *64 Tianwang* sofre de problemas cardíacos e hepáticos, sequelas de oito anos passados na prisão ou em campos de trabalho e de golpes e ferimentos sofridos em detenção. Tendo em vista o seu estado de saúde, sua pena é equivalente a uma sentença de morte.

A situação do famoso jornalista investigativo do Azerbaijão **Afgan Moukhtarly** é igualmente alarmante. Embora diabético e sujeito a hipertensão, ele iniciou, no final de setembro, uma greve de fome para protestar contra o tratamento arbitrário do qual ele e seu advogado foram vítimas na prisão. Seu estado de saúde o forçou a voltar a se alimentar rapidamente, mas ele continua sem acesso normal aos cuidados.



Narges Mohammadi  
© DR

A falta de atendimento também é constante nas prisões iranianas, como ilustra o caso da [ativista de direitos humanos Narges Mohammadi](#). Em maio de 2019, essa jornalista foi enviada de volta à sua cela após ter passado por uma cirurgia pesada, apesar de uma opinião desfavorável de seus médicos. Não apenas as autoridades judiciais e prisionais se recusaram a autorizar que ela permanecesse hospitalizada, mas seu marido notou que, uma semana após a esposa ter feito uma histerectomia, ela também foi privada de tratamento com antibióticos e medicamentos. Um exame médico revelou que a infecção havia se propagado.

Na Tanzânia, o jornalista investigativo **Erick Kabendera**, preso em 29 de julho, tem problemas respiratórios e sinais de paralisia nas pernas que o impedem de andar corretamente. Vários de seus parentes temem que a deterioração de seu estado de saúde esteja relacionada ao seu encarceramento.



Amadou Vamouké  
© DR

Ainda no continente africano, dois laudos médicos observam que o estado de saúde do ex-diretor geral da rádio e televisão pública dos Camarões, [Amadou Vamouké](#), preso e julgado por crimes econômicos nunca estabelecidos pela promotoria, requer evacuação médica e hospitalização em um centro especializado de atendimento e exames. Consultado para aconselhamento, um neurologista do hospital americano de Paris confirmou que o jornalista de 69 anos apresentava “*um quadro de déficit de ambos os membros, grave e progressivo*”. Uma “hospitalização na França” foi recomendada, em vão.

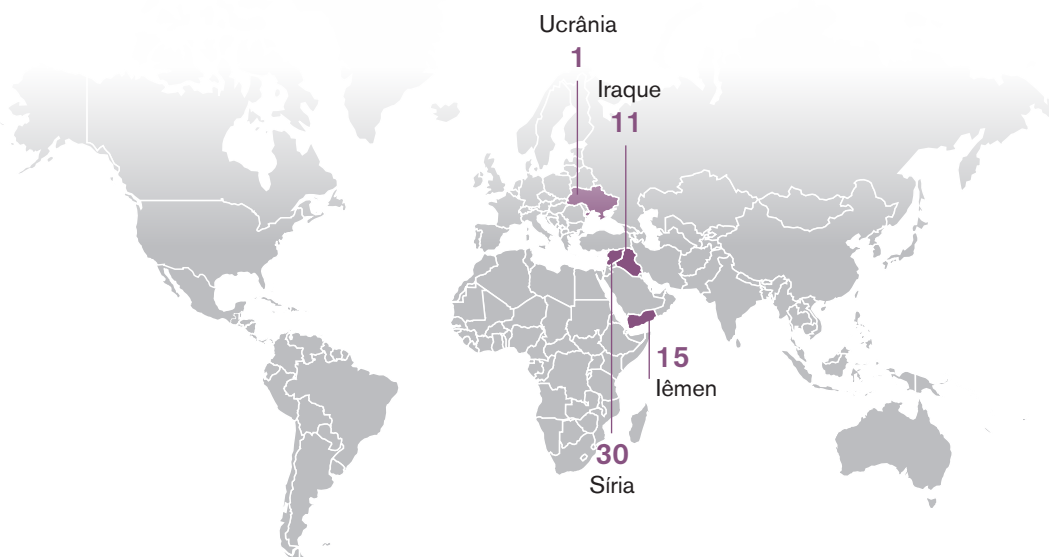
No Vietnã, por outro lado, são cuidados forçados e desnecessários que estão lentamente matando **Lê Anh Hùng**. Por se recusar a cooperar com as autoridades e protestar contra sua [detenção provisória prolongada](#) com uma greve de fome, o jornalista crítico foi transferido em abril de 2019 para um hospital psiquiátrico, onde foi alimentado à força via sonda nasogástrica, causando sangramento do nariz e da boca, e onde foi forçado a tomar grandes quantidades de fortes psicotrópicos. Sua mãe deu o alerta, sem sucesso. No início de novembro, ela soube que as injeções e a dose dos medicamentos haviam sido dobradas, encerrando um pouco mais a cada dia Lê Anh Hùng em uma perigosa prisão química.

# OS JORNALISTAS REFÉNS

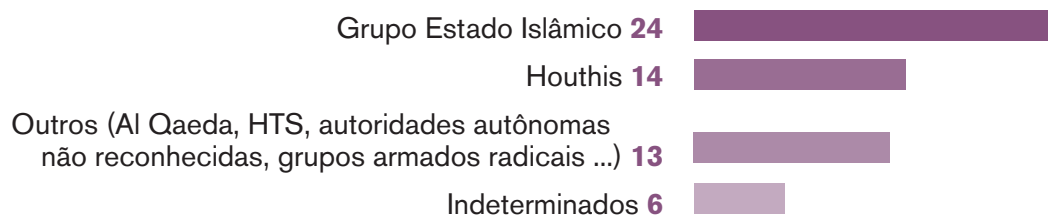
## 5.1 Em números



### Países de alto risco



### Os principais sequestradores



**Pelo menos 57 jornalistas atualmente são mantidos como reféns no mundo**, um número quase idêntico ao do ano passado. Esse número estável revela a ausência de avanços. Os reféns ainda estão concentrados nos mesmos quatro países (Síria, Iêmen, Iraque e Ucrânia), e não houve nenhuma libertação significativa este ano, apesar das transformações do contexto na Síria, o que faz temer o pior para muitos deles.

**Jornalista refém:** A RSF considera que um jornalista é um refém a partir do momento em que ele ou ela está nas mãos de um ator não-estatal que ameaça matar, ferir ou continuar a detê-lo a fim de pressionar um terceiro (um Estado, organização ou grupo de pessoas) para obrigá-lo a realizar um determinado ato. A tomada de reféns pode ter motivação política e/ou econômica, quando envolve o pagamento de um resgate.

## 5.2 Reféns fortemente condenados

Se o grupo Estado Islâmico (EI) ou os vários grupos armados radicais usam seus reféns principalmente como moeda de troca ou meio de propaganda, as milícias houthis no Iêmen ou as autoridades autônomas não reconhecidas no leste da Ucrânia também tratam seus reféns como prisioneiros culpados de crimes que devem ser punidos com rigor.

Assim, [dez jornalistas iemenitas detidos desde 2015 pelos houthis correm o risco de serem condenados a “pena de morte”](#). Após mais de três anos de detenção em condições deploráveis e confissões forçadas, esses jornalistas que trabalhavam para meios de comunicação considerados próximos ao partido Islah descobriram que foram acusados de “colaboração com o inimigo” pelo Tribunal Penal Especial Houthi. Seu falso julgamento, que originalmente estava programado para março passado, ainda não ocorreu, mas os 10 jornalistas continuam detidos em locais desconhecidos, em algum lugar em Sanaa, capital do Iêmen, ainda sob o controle das forças rebeldes.



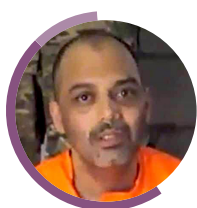
Stanislav Asseiev  
© Vineslovo.com

Na Ucrânia, o jornalista **Stanislav Asseiev**, mais conhecido como Stanislav Vassine, por sua vez, foi Condenado a quinze anos de colônia penal pelas “autoridades” da autoproclamada República de Donetsk. O jornalista está nas mãos de separatistas pró-russos desde junho de 2017. Após sua tomada do poder na primavera de 2014, ele foi um dos poucos independentes a permanecer no local. Colaborava com o serviço local da *Radio Free Europa / Radio Liberty (RFE / RL)* e vários jornais ucranianos para contar a vida cotidiana nessa área controlada pelos separatistas. Nenhum observador externo foi capaz de acessar o refém ou comparecer a seu simulacro de julgamento, após o qual ele foi condenado por “espionagem”, organização “de uma comunidade extremista” e incitamento à “violação da integridade territorial”.

Com apenas um lampejo de esperança, seus colegas e amigos esperam sua libertação por ocasião de uma troca de prisioneiros entre o governo ucraniano e a autoproclamada República.

### 5.3 O calvário sem fim dos refêns na Síria

Com 30 jornalistas ainda nas mãos de seus captores, a Síria continua sendo a pior fábrica de refêns do mundo. Apenas um deles, **Fateh Aslan**, foi privado de liberdade por apenas alguns meses. Sequestrado no final de agosto de 2019 pelo grupo jihadista Hayat Tahrir Al Sham (HTS) na região de Idlib, ele foi libertado menos de dois meses depois contra a promessa de não trabalhar mais para seu veículo de notícias online, *Step Feed News*, considerado “*contrário à revolução*”. Para outros, o calvário só se prolonga.



Shiraaz Mohamed  
© DR

O destino deles é também muito incerto. Somente os sequestradores do fotógrafo sul-africano **Shiraaz Mohamed**, sequestrado no início de 2017 na fronteira com a Turquia, transmitiram provas de vida de seu refém duas vezes este ano. Em abril, o fotógrafo renovou em uma gravação um pedido de resgate. Em agosto, em um novo vídeo, Mohammed Shiraaz, desta vez barbeado e vestido com o macacão laranja usado pelos prisioneiros do Daesh, lançou um forte apelo à comunidade internacional para que interviesse a seu favor e pediu à ONG pela qual tinha ido à Síria, a fundação sul-africana Gift of the Givers, para fazer todo o possível para obter sua libertação.



John Cantlie  
© Minute News

Nenhuma notícia, no entanto, dos outros refêns, alguns dos quais foram sequestrados sete anos atrás. Esse é particularmente o caso do repórter britânico **John Cantlie**, tragicamente instrumentalizado por seus captores. Sua última aparição em um vídeo de propaganda gravado em Mossul remonta ao final de 2016. Desde então, nada, exceto rumores de que ele ainda estaria vivo, apesar da queda do califado do Estado Islâmico após a reconquista, no início do ano, de seu último bastião, a vila de Baghouz, a leste da Síria.

Não houve mais informações sobre o jornalista mauritano **Ishak Moctar** e o cinegrafista libanês **Samir Kassab**, que trabalhavam para a rede *Sky News Arabia* e que teriam sido vistos pela última vez vivos na província de Raqqa, três anos depois de serem sequestrados em outubro de 2013 por membros do EI. Na primavera, a noiva de Samir Kassab negou ter sido informada de sua morte, mas explicou que um representante do Ministério das Relações Exteriores libanês lhe informou que, na ausência de evidências, “*a probabilidade de ele ainda estar vivo é igual à de ter sido morto*” ...



Austin Tice  
© Tice family

A família do jornalista americano **Austin Tice**, preso em um posto de controle em Damasco em 14 de agosto de 2012 e desaparecido desde então, também está tentando obter informações. A [recompensa de um milhão de dólares, prometida no ano passado por autoridades federais dos EUA](#), para qualquer elemento que indique o paradeiro do colaborador do *Washington Post* e do *McClatchy News* ainda não surtiu nenhum resultado. Por sua vez, para marcar o aniversário de 38 anos do filho, Debra e Marc Tice anunciaram em 11 de agosto o lançamento de uma nova campanha, “Ask About Austin”, para incentivar os cidadãos dos EUA a questionar seus representantes no Congresso e o Secretário de Estado Mike Pompeo para garantir seu retorno seguro.

# OS JORNALISTAS DESAPARECIDOS

---

Nenhum jornalista foi dado como desaparecido em 2019.

A **RSF** considera que um jornalista é dado como desaparecido quando não há elementos suficientes para determinar que ele foi vítima de um homicídio ou de um sequestro e quando nenhuma reivindicação confiável foi divulgada.

# AS AÇÕES DA RSF

O ano passado foi marcado por libertações emblemáticas, como a do fotojornalista egípcio **Shawkan**, do blogueiro mauritano **Mohamed Cheikh Ould Mohamed Mkhaitir**, ou ainda, na Birmânia, a dos dois jornalistas da Reuters, [Kyaw Soe Oo e Wa Lone](#). Jornalistas para os quais as equipes da RSF se mobilizaram fortemente. A [campanha #MyPicForShawkan](#) foi massivamente retransmitida pela comunidade de fotógrafos e jornalistas nas redes sociais em todo o mundo.

Na Birmânia, a chefe do governo Aung San Suu Kyi foi diretamente interpelada pela RSF e uma petição foi lançada para aumentar a conscientização sobre o destino dos dois jornalistas da Reuters. Quanto à libertação de Mohamed Cheikh Ould Mohamed Mkhaitir, ela é o resultado de uma constante mobilização internacional, para a qual a RSF contribuiu por seis anos juntamente com os advogados do blogueiro e outras ONGs.

É também para obter a libertação de pelo menos 30 jornalistas sauditas que uma delegação da RSF, liderada por seu secretário-geral Christophe Deloire, organizou [uma missão sem precedentes na Arábia Saudita](#), no início do ano passado. O objetivo era iniciar discussões diretas com funcionários do governo para tentar dar um fim à [detenção arbitrária de jornalistas](#) sauditas. Ao mesmo tempo, a RSF manteve a pressão sobre o reino saudita. Para lembrar o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi em 2 de outubro de 2018 em Istambul, foram organizadas manifestações em Washington, Berlim e Madri. Em Paris, [dezenas de bonecos humanos desmembrados](#) foram colocados em frente ao consulado da Arábia Saudita.

Seja para libertar um jornalista da prisão ou de um país em guerra, o envolvimento da Repórteres sem Fronteiras foi crucial em 2019. Após meses de negociações e ações de defesa junto a vários governos europeus, a RSF, em coordenação com seu parceiro, o Syrian Center for Media and Freedom of Expression (SCM), e o Committee to protect Journalists (CPJ), conseguiu evacuar 30 jornalistas da região de Daraa, no sul da Síria, onde estavam em grande perigo devido ao avanço das tropas do regime de Bashar al-Assad.

Além de fornecer suporte diário a jornalistas, meios de comunicação e organizações locais por meio de proteção, assistência jurídica e capacitação, a RSF também atua para fazer justiça aos jornalistas assassinados. Em Malta, dois anos após o assassinato de Daphne Caruana Galizia, a organização renovou os apelos à justiça e enfatizou a necessidade de ações concretas diante da deterioração geral do clima de liberdade de imprensa no país. No México, onde a taxa de impunidade por crimes cometidos contra jornalistas ultrapassa 90%, a RSF [apelou ao Tribunal Penal Internacional \(TPI\)](#) com relação à impunidade dos assassinatos e desaparecimentos de jornalistas entre 2006 e 2018.

Em 2019, a RSF também lançou uma nova campanha no Afeganistão para levar os protagonistas das negociações de paz a se comprometerem a garantir a liberdade de imprensa, como *“instrumento indispensável para uma paz justa e duradoura”*. Paralelamente, a campanha [#ProtectJournalists](#) iniciada pela RSF para a criação de um “protetor dos jornalistas”, com a nomeação de um representante especial do Secretário-Geral da ONU para a segurança dos jornalistas, continuou a ganhar apoio em todo o mundo.



